



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração da usina de biocombustível de Candeias e lançamento da Petrobras Biocombustíveis S.A.**

**Candeias – BA, 29 de julho de 2008**

Companheiro governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,  
Companheira ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff,  
Companheiro ministro de Minas e Energia, Edson Lobão,  
Companheiro ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel,  
Companheiro ministro da Integração, Geddel Vieira,  
Nosso companheiro de sempre, Waldir Pires, ex-governador da Bahia,  
Nós hoje temos um ilustre visitante aqui. Eu me levantei de manhã, no hotel, e de repente me deparei com ele olhando o mar. Ele estava pensando que era um rio, porque ele é o governador do Amazonas, e falou: “não sabia que na Bahia tinha um rio maior que o Amazonas”.

Nosso querido companheiro Eduardo Braga, governador do estado do Amazonas,

Nosso querido companheiro Edmundo Pereira, vice-governador da Bahia,

Deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,  
Senador César Borges,

Deputados federais Alice Portugal, Daniel Almeida, José Rocha, Luiz Bassuma, Nelson Pellegrino, Zezéu Ribeiro,

Nosso querido companheiro presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli,

Nosso querido companheiro presidente da Petrobras Biocombustíveis,  
Alan Kardec,



Nosso também querido companheiro baiano, presidente da Agência Nacional de Petróleo, Haroldo Lima,

Companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de Gás e Energia da Petrobras,

Companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da área de Abastecimento da Petrobrás,

Nossos companheiros e companheiras, que eu não vou dizer o nome porque já entreguei o crachá deles aqui na frente,

O Wagner perguntou quanto tempo eu ia falar e eu disse que, possivelmente, uns 10 minutos. Penso que vou falar um pouco mais ou um pouco menos, dependendo das lembranças que eu possa ter e do que eu estou sentindo neste momento.

Uma nação será exatamente do tamanho e da grandeza que tiverem os seus dirigentes e o seu povo. Uma nação só será grande e forte quando os seus filhos acreditarem serem grandes e fortes, porque a nação nada mais é do que o somatório do conjunto das coisas que nós somos, fazemos e produzimos.

O Brasil, por suas dimensões, por suas características, jogou fora algumas oportunidades de se transformar em uma grande nação. O Brasil, durante 50 anos foi um dos países que mais cresceram no mundo. Durante 30 anos, o nosso Produto Interno Bruto cresceu a uma média de 7,5%. Entretanto, foram poucos os momentos na história do País em que esse crescimento conseguia ser transferido para a população participar desse crescimento. O que a gente via, historicamente, era o País crescendo e o povo ficando cada vez mais pobre.

Foi assim que nós fomos pegos de sobressalto depois do Milagre Brasileiro, quando a economia chegou a crescer 14,3% ao ano e quando, na década de 80, tivemos que começar a pagar a dívida que permitiu fazer os investimentos que fizemos. Ainda no governo do presidente Geisel,



percebemos que estávamos devendo muito e que aquele crescimento todo não tinha, de forma equânime, elevado a qualidade de vida da nossa população.

Vocês se lembram que na década de 70 nós tínhamos bem menos favelas do que temos hoje, e vocês se lembram também que nós tínhamos bem menos violência do que temos na periferia das grandes regiões metropolitanas deste País. Tentar jogar a culpa da violência em cima do jovem que a cometeu é justo, porque tem que punir aquele que comete um delito. Ao mesmo tempo, não culpar aqueles que foram responsáveis pela administração deste País nos últimos 40, 50 anos, que não criaram condições para que o povo pobre pudesse ter uma evolução, é culpar apenas a vítima e não os verdadeiros culpados.

Estamos aqui lançando uma planta de biodiesel. Confesso a vocês que, de todas as coisas que eu fiz no governo, esta é uma das que mais me tocam profundamente. O professor Expedito Parente – um grande professor da Universidade Federal do Ceará – quando patenteou o biodiesel, em 1975, já poderia tê-lo transformado numa matriz energética. Entretanto, o biocombustível ficou, de 1975 a 2003 – quase 30 anos –, sendo apenas uma teoria muito bonita, discutida academicamente nas universidades brasileiras. Ele não conseguiu sair da patente para a indústria. Em 2003, nós resolvemos assumir o compromisso de incluir na matriz energética brasileira um novo tipo de combustível. O que mais me motivava a criar um novo tipo de combustível no País era o sonho que eu tinha de dar uma chance a uma parte do Brasil que historicamente não a tinha, que era o Nordeste e o Norte brasileiros.

A gente sonhava que pudesse fazer o biodiesel de mamona, depois descobriu que era possível fazê-lo de pinhão-manso, que era uma planta que já não se cuidava mais no Brasil. Depois, descobriu que o potencial da produção de dendê por hectare é extraordinariamente maior do que quase todos os outros. Imagínávamos que o biodiesel poderia ser uma espécie de equilíbrio para a soja brasileira quando ela estivesse a um preço muito barato no



mercado internacional. Depois descobrimos que poderíamos fazê-lo de girassol. Fomos avançando e descobrimos que poderíamos fazê-lo de caroço de algodão. Fui a Honduras e visitei uma pequena usina, José Sergio, que fazia de tilápia, do resto da tilápia. Visitei, em São Paulo, uma grande fábrica de biocombustíveis ou de biodiesel, que é um grande frigorífico, onde tudo o que é sebo e gordura vai para o óleo diesel. A gente descobre que aquele óleo de cozinha – que incomoda um cara como eu que gosta de cozinhar, de lavar louça – incomoda muito mais as mulheres brasileiras que, muitas vezes, depois de uma fritura, não sabem onde colocar aquele óleo e o colocam numa lata vazia até enchê-la para depois – se forem mais cuidadosas não jogam, mas se não forem – jogar na pia. Aquilo vai para o esgoto, que vai para o rio, que vai para o mar. No fundo, no fundo, o biodiesel vai prestar um serviço extraordinário porque vai permitir que apareçam, no Brasil, dezenas de cooperativas fazendo coleta, na casa das pessoas, desse óleo já utilizado. A gente vai poder também contribuir para despoluir o Planeta.

Com esse leque extraordinário de possibilidades de produzir uma matriz energética nova, o Brasil não pode ter medo do debate internacional, daqueles que dizem: “É por conta da produção do biodiesel que os alimentos estão subindo”. Acho que é importante... O Lobão disse uma coisa aqui com a qual eu concordo em cem por cento. Esse é um debate que eu gosto de fazer, é um debate que o Brasil vai ter que enfrentar. Nos dias 20 e 21 de novembro estamos convocando em São Paulo uma conferência internacional com governantes, cientistas, ONGs, com os contra, com os a favor, para fazer uma discussão sem emoção, mas científica, sobre as possibilidades de haver competição entre o biocombustível e o alimento. Enquanto eu for presidente deste País, se alguém me provar que o que nós estamos fazendo vai diminuir a produção de alimentos, eu não serei louco de deixar de encher o tanque do nosso povo para encher o tanque de um carro, não serei doido de fazer isso. Até porque se eu não estiver com o meu tanque cheio, eu não terei força para



apertar o acelerador do carro.

Essa discussão o Brasil quer fazer. Nós não queremos fugir. O que nós queremos é provar que não apenas o Brasil, mas um continente como o africano, que está segregado desde que surgiu, a América Latina empobrecida, sobretudo a América Central e Caribe... que esse combustível é pensado também para que esses países possam fazer uma combinação entre o plantio de uma planta e, entre essas plantas, plantar aquilo que nós vamos comer. Vamos dar garantia porque a nossa nova empresa de biocombustível, com a marca da Petrobras, vai ter que fazer contrato de longo prazo com os agricultores para dar garantia de que eles vão ter o compromisso de produzir e, a Petrobras, o compromisso de comprar. A gente, então, vai ter a garantia de que passa a valer.

Não pensem que foi fácil chegar aqui, não. Eu brinco muito com a Petrobras. A Petrobras é muito poderosa. Já teve presidente que disse que a Petrobras era uma caixa preta, que ninguém tinha acesso a ela. Nós, aos poucos, estamos mudando. Estamos mudando pelo convencimento político de que a Petrobras, embora tenha descoberto a camada pré-sal, possivelmente tornando o Brasil um dos maiores produtores de petróleo do mundo, sabe que o que nós estamos fazendo tem um valor histórico incomensurável, porque nós estamos incluindo, definitivamente, uma nova matriz energética para que o mundo inteiro possa utilizá-la.

A Petrobras relutou, é verdade, e relutou com razão. Vocês pensam que fazer esta planta aqui foi fácil? Vocês acham que saiu assim, o José Sergio Gabrielli acordou com vontade de fazer? “Me deu vontade e eu vou fazer?” Isso foi muito cacete, foi muita briga. Lobão, você não estava ainda ali, mas foi muita briga para sair isto aqui. Muita briga, porque era normal. A Petrobras é uma empresa de petróleo. Daqui a pouco, entra a matriz do gás. Já em 1975 tinha entrado o álcool, e agora, vem mais alguma coisa? A Petrobras sempre fica com medo: “Puxa vida, tem tanta coisa nova que eu vou perder



importância”. Não vai. Quanto mais coisas a Petrobras fizer e quanto mais ela colocar a sua inteligência e o seu conhecimento para produzir, ela certamente será infinitamente mais forte, vendendo petróleo para quem precisa de petróleo e utilizando aqui combustível limpo.

Tem uma coisa, José Sergio... Fui agora no G-8, lá no Japão. Lá no Japão começou a se discutir a questão da poluição: “A emissão de CO<sup>2</sup>, aquele negócio que sai do motor do carro, aquele gás carbônico; o Brasil está fazendo biodiesel; o Planeta está ficando mais quente...” Só que ninguém assume a culpabilidade. Por acaso, eu tinha recebido um estudo de um departamento de energia elétrica dos Estados Unidos, que trazia uma tabela de quanto os países eram responsáveis pela poluição no ano de 1985. Lá pelas tantas, eu falei: senhores presidentes. Vamos medir o que cada um de nós está fazendo para poluir o Planeta, para que a gente possa definir qual é a responsabilidade que cada um de nós vai ter para consertar o que está estragado. Em 1985, o mundo jogou no ar 28 bilhões de toneladas. Dessas, os Estados Unidos jogaram 21%, a China jogou 18% e o Brasil apenas 3,4%.

Portanto, vamos devagar com o andor e vamos discutir qual é a responsabilidade de cada um. Quando eles não têm mais argumento, vão para a questão do desmatamento. Eu disse para eles: eu venho de um país que ainda tem 64% das suas florestas preservadas; onde o mercado interno compra 90% dos carros *flex fuel*; onde toda a gasolina já tem uma mistura de 25% de álcool; onde já estamos introduzindo 3% de biodiesel no óleo diesel; onde 85% da energia elétrica é hídrica; e onde 46% da matriz energética é limpa. Então, não falem de poluição para o Brasil porque nós não temos o que aprender, temos o que ensinar.

Esta planta da Petrobras – já pedi ao José Sergio Gabrielli – quero que façam um filmezinho, coisa de 5 ou 10 minutos, para eu andar com ele no bolso. Nós estamos hoje aqui lançando a usina de biodiesel com o maior conteúdo tecnológico que existe no mundo, para não dizer a mais moderna que



já lançamos. Por isso foi importante a Petrobras ter entrado, ter assumido. Estamos inaugurando esta, ainda em agosto vamos a Montes Claros, em Minas Gerais, inaugurar outra. Depois vamos a Quixadá, no Ceará, inaugurar outra, e vamos inaugurar mais. Eu acho que a agricultura familiar pode compatibilizar a produção dos alimentos que comemos com o combustível que precisamos para transportar esses alimentos até os consumidores brasileiros. Não há incompatibilidade. É só fazer o zoneamento agrícola correto, demarcar a área para cada coisa e fazer. Quem está contra? Eu acho que nós, por exemplo, somos contra produzir etanol de milho, como os Estados Unidos estão fazendo. Faz de milho, o milho encarece, tem que dar milho para a galinha, a galinha fica cara, e fica cara a comida do povo brasileiro. Então, vamos procurar outras oleaginosas que não sejam comida para nós.

Por que eu estou convencido de que vai dar certo? Isso não vai dar certo agora, não. Isso vai demorar um pouco, porque os trabalhadores vão ter que aprender a se organizar nos sindicatos, a se associar em cooperativas. Nós queremos que a empresa nova faça contrato de, no mínimo, cinco anos, para que o cidadão se levante pela manhã, todo santo dia, sabendo que vai produzir, que tem preço garantido e que tem quem compre. Acabou aquele negócio de o companheiro plantar e não ter para quem vender. Isso vai permitir que o Brasil se transforme, definitivamente, numa nação com muitas opções.

Vocês sabem quanto tempo a Petrobras levou para ser auto-suficiente? Aqui tem muita gente que participou da campanha “O petróleo é nosso”. Certamente, os mais jovens, como o Waldir Pires... Quando inventamos de fazer a Petrobras, em 1954... em 1950. Em 1954 morreu o Getúlio. Quando inventamos de fazer a Petrobras... Tenho dois editoriais – não vou dizer de quais jornais – guardados nos meus arquivos, dizendo que era uma loucura a gente fazer uma fábrica para tentar achar petróleo, que no Brasil não tinha petróleo. Dois editoriais de jornais importantes, dizendo que era mais fácil a gente continuar comprando, porque não tinha como fazer. Tem uma parte da



elite brasileira, que não deu certo, que duvida de tudo o que possa dar certo e do que não é feito pela sua mão, ela duvida de tudo.

De 1950, a Petrobras só veio a se tornar auto-suficiente – produzir igual ou mais do que a gente consome – em 2006, 56 anos depois. Levou 56 anos para a Petrobras se tornar auto-suficiente. Agora, como Deus deu uma passadinha pelo Brasil e fincou o pé no mar brasileiro, descobriu-se o pré-sal. As pessoas pensam que o pré-sal foi descoberto por acaso. Se não fosse a decisão de fazer investimento... Para chegar a 7 mil metros de profundidade sem tocar num japonês lá no fundo, não é coisa fácil, é uma coisa complicada. É preciso investir em pesquisa, em novas tecnologias, e saber que a gente vai colocar dinheiro e que o retorno pode ser zero. É uma decisão de coragem. Pesquisa é isso: às vezes você gasta milhões e o resultado se perde. Mas, às vezes você gasta e o resultado é extraordinário, como esse resultado de termos encontrado o pré-sal. O pré-sal, se Deus quiser – agora em setembro nós vamos “futucar” melhor lá no Espírito Santo – vamos tirar uns 10 mil litros dele.

Em março do ano que vem, nós vamos lá no poço de Tupi tirar um pouco mais. Vamos tirar uns 15 ou 20 mil barris por dia para ver se a gente consegue, lá para 2010, já estar tirando o suficiente para poder vender, não óleo cru, José Sergio, não vamos vender óleo cru. Nós vamos vender produto com valor agregado, é de gasolina *premium* que eles precisam. Enquanto isso, a nossa empresa nova de biocombustíveis vai continuar fazendo investimentos e aprimorando a organização dos trabalhadores. É por isso que eu coloquei um ex-ministro da Reforma Agrária para ser diretor, porque senão fica lá um monte de companheiros, liderados pelo Alan Kardec, todo mundo de Minas Gerais ou do Rio de Janeiro. Eu quero alguém que já foi no campo, para saber como é que vive o pessoal. Eu aprendi, Alan, uma coisa: a cabeça da gente pensa de acordo com o chão que os nossos pés estão pisando. Se a gente passar um ano morando numa favela, a nossa cabeça passa a pensar como pensa um



favelado, mas se a gente sair de lá e for para um palácio, e ficar só no palácio, a cabeça da gente começa a pensar como os freqüentadores de palácios. Então, é preciso fazer essa mistura para que a gente compreenda, definitivamente, que o biocombustível é uma nova matriz energética e que a gente vai começar a utilizar biodiesel nos nossos caminhões. Sonhamos que um dia o biodiesel seja como é o álcool hoje, que a gente tenha um caminhão *flex fuel*, que possa utilizar 100% de biodiesel ou 100% de óleo diesel. Mas em nenhum momento nós podemos perder de vista que esse programa, essa nova matriz energética, tem um objetivo: ajudar a desenvolver as regiões mais pobres deste País, dar ao Nordeste e ao Norte do Brasil as oportunidades que eles não tiveram.

Veja, governador Eduardo Braga, como ajudar os pobres custa barato. É incrível – aqui tem muita gente que já foi governo – como ajudar o pobre é barato. O rico entra no seu gabinete e já quer logo 1 bilhão. O povo pobre se contenta com pouca coisa porque o que ele quer, na verdade, é sobreviver dignamente, o que ele quer é oportunidade de estudar e de trabalhar. Eu me lembro, meu companheiro Jaques Wagner, quando nós fomos criar o Bolsa Família. Alguns diziam: “É esmola”. Outros diziam: “Por que dar dinheiro para pobre? Por que não faz estrada? Por que não faz ponte em vez de ficar dando dinheiro para pobre? Isso é dinheiro jogado fora”. As pessoas que pensavam assim nunca tiveram noção, na vida, do que é um chefe de família se levantar numa segunda-feira ou num domingo e ficar olhando para o céu sem ter um bocado de feijão com água para colocar no fogo. Eles não sabem o que é isso. Eles não sabem e nunca souberam. A única coisa que eles sabiam, pelas estatísticas, é o que é uma mãe com 3 ou 4 filhos agarrados no rabo da saia, pedindo o que comer e não ter para dar. Quando a gente mora no centro da cidade, sempre tem uma coisa para a gente pegar. Mas quando mora no interior, o próximo morador, a 10 quilômetros, é ainda mais pobre do que a gente e o outro, a 30 quilômetros, é mais pobre do que o outro.



O que aconteceu com o Bolsa Família? O que aconteceu com as políticas sociais? Eu pego a estatística do IBGE: houve uma diminuição da desnutrição no País de 40%, e no Nordeste, de 74%. Significa o quê? Que chegou um pouco mais de proteínas e calorias para essas pessoas. Isso incomoda. Agora, nós vamos começar um programa para levar dentistas e oculistas às escolas. Alguns vão dizer: “É luxo. Por que pobre precisa de dentista?” Os mais pobres colocam gengibre, cachaça, álcool, fumo no buraco do dente, pensando que vai parar de doer, enquanto uns poucos vão ao dentista, ao ortodontista, fazem prótese, tratamento de canal. Rico não tem dor de dente, só pobre.

Sempre aparecem alguns criticando tudo isso: “Deveria fazer mais estradas, fazer mais isso...”. Uma coisa não impede que se faça a outra. Mas se eu tiver que escolher entre fazer uma ponte e encher a barriga das nossas crianças de comida, podem ficar certos de que eu não tenho dúvida: as crianças vão comer primeiro do que qualquer outra coisa neste País.

Nós estávamos numa situação muito boa, extraordinária, quando os Estados Unidos entraram em crise. Vocês estão acompanhando pela televisão, não é, gente? Eles inventaram um nome assim: *subprime*. Eu nem tento falar para vocês, porque não sei o que é. Na verdade, é o seguinte: especulação financeira, o nome mais popular, ou calote, o nome que nós conhecemos. Nos Estados Unidos, quando vendem uma casa que custa 200 mil reais, se ela se valorizar, a pessoa pode tomar emprestado no banco a diferença entre o que ela pagou e o que está valorizando. Então, o cidadão vai se endividando para consumir. Só que deu zebra: as casas não se valorizaram. O que aconteceu? Uma crise, que a gente ainda não sabe o resultado. Por conta dessa crise, o mundo entrou numa situação delicada, porque muitos bancos europeus e americanos quebraram, empresas quebraram nessa crise imobiliária.

Se tivesse acontecido essa crise nos Estados Unidos cinco anos atrás, o Brasil teria pegado pneumonia. Agora, eles estão lá com a crise deles e nós



estamos aqui vendo o nosso País ir muito bem, graças a Deus, sem preocupação com a crise deles. Mas aí fui pego de surpresa com a inflação. De repente aparece uma coisa chamada inflação mundial. O Brasil é hoje, dentre os países emergentes, o que tem a inflação mais baixa. A China, a Índia, a Rússia e outros países têm inflação mais alta do que nós. A nossa está controlada e nós vamos fazer qualquer coisa para evitar que ela volte. Só ganha com a inflação quem especula. Quem trabalha e recebe salário só perde com a inflação. Então nós vamos garantir que a inflação fique baixa.

Em vez de ficar achando que essa inflação, por conta dos alimentos, veio criar problemas para o Brasil, nós tomamos uma decisão: para enfrentar a inflação, vamos aumentar a produção. O ministro Guilherme Cassel apresentou uma proposta ao governo que nós imediatamente aprovamos e anunciamos: até 2010 o BNDES terá disponibilizado, para a agricultura familiar, 25 bilhões de reais, e vamos financiar 60 mil tratores para os agricultores familiares deste País. As pessoas vão poder pegar até 100 mil reais emprestados, financiados. Esses 100 mil reais serão pagos em 10 anos, com 3 anos de carência e 2% de juros ao ano. A informação que eu tenho dos técnicos do Ministério, da Embrapa, das Emater, meu caro Wagner, é que com o trator, o trabalhador rural dobra a sua produção em um ano.

Se para alguns países do mundo, faltar alimentos porque o povo está comendo mais é um problema, para nós no Brasil é uma oportunidade. É uma oportunidade de a gente utilizar o potencial da nossa agricultura empresarial e familiar. É uma oportunidade para a gente dobrar a capacidade de produzir, fornecendo máquinas e, ao mesmo tempo, assistência técnica para a agricultura familiar, e para garantir que a gente possa suprir as necessidades de comida do povo brasileiro e, ao mesmo tempo, dos milhões de chineses, de indianos e africanos que precisam comer. Nós também, Lobão, estamos na África. A Embrapa montou um centro de pesquisa em Gana. Nós achamos que o território africano, uma parte dele, é igual ao cerrado brasileiro. Portanto, com



um pouco de preparo da terra, a gente pode transformar a África num grande produtor de grãos. Eu acho que ninguém no mundo merece, mais do que o continente africano, a oportunidade de dar um salto de qualidade e de sobreviver.

Esse programa do biodiesel, a gente também pensou nele para a África. Nós vamos só pedir para o povo compreender, porque essa é uma coisa que leva alguns anos, para poder encarnar a magnitude do projeto. Possivelmente em cinco anos já vai estar dez vezes melhor do que está agora, e em dez anos vai estar dez vezes melhor. O álcool levou mais de 30 anos para se consolidar. Nós levamos 56 anos para ficarmos auto-suficientes em petróleo. Penso que com a entrada da Petrobras, com a criação de uma empresa, com a possibilidade de construir mais usinas como esta pelo País afora, demonstramos que estamos juntando a fome e a vontade de comer, com muita comida certamente, porque fome sem comida não dá certo. É a fome, com a vontade de comer e com muita comida e, ao mesmo tempo, com muito biodiesel.

Alguns dizem aqui mesmo no Brasil: “Mas Lula isso não vai fazer com que o pequeno agricultor deixe de produzir alimento?” Não vai, porque uma coisa que nós vamos também cuidar de orientar é como as pessoas têm que produzir, e eu tenho dito para o mundo inteiro. A Petrobras agora precisa comprar 38 sondas. Cada sonda custa 700 milhões de dólares, mais ou menos; o aluguel/dia de uma custa 500 mil dólares. O aluguel de uma sonda, de um navio grande que vai lá para o meio do mar para furar 100 metros de profundidade, custa 500 mil dólares/dia. Quantos países têm condições de fazer isso? Uma plataforma custa quanto, José Sergio? Quase 2 bilhões? Dois bilhões de dólares. Quantos países têm condições de fazer isso? Nove, 10, 11 países? Quanta mão-de-obra? Pouca, porque é uma mão-de-obra muito qualificada.

Imaginem se um país africano não tem condições de fazer uma



plataforma ou de comprar uma sonda. Imaginem que qualquer ser humano pode cavar um buracinho com a mão, pôr uma semente, enterrar, e com um ano e pouco ele estará colhendo o seu petroleozinho ali. Mesmo que ele seja baixinho, do tamanho do Wagner ou do Geddel, pode fazer uma planta menor para colher sem precisar se machucar. Isso, companheiros, é uma gratificação.

Eu sou um homem que acredita muito em Deus. Acredito em Deus a cada minuto que vivo neste País. Eu acho que chegar ao nível que a gente chegou hoje, de poder vir a Candeias, onde há 67 anos jorrava pela primeira vez um poço de petróleo, de vir aqui inaugurar a primeira usina de biodiesel da Petrobras, na mesma cidade, certamente tão entusiasmado como estava o governante da época vendo o petróleo aqui, posso dizer para vocês que vale a pena acreditar, ser teimoso, ousado e fazer as coisas que as pessoas pensavam impossíveis de serem feitas.

Saio daqui, meu caro José Sergio Gabrielli e meu caro Governador, gratificado. Eu digo sempre o seguinte, quando acontece uma coisa boa na minha vida: se eu sair daqui e 30 segundos depois eu estiver morto, já terá valido a pena viver até poder ver a beleza desta fábrica, a alegria na cara de vocês, a satisfação da diretoria da nova empresa e a crença de que o Brasil, finalmente, se transformará em uma grande nação. Nós não podemos perder essa oportunidade, companheiros. Portanto, à nova diretoria: pelo amor de Deus, Alan Kardec, inteligentes eu sei que vocês já são, competentes tecnicamente eu sei que vocês já são, tem gente aqui da mais extraordinária qualidade. Por favor, não é possível a gente governar um país apenas com a cabeça. Coloquem o coração nas coisas que vocês fizerem, coloquem o coração de vocês, porque não é um combustível apenas para encher o tanque de caminhões. É um combustível para encher a casa dos pobres brasileiros de comida e das coisas que eles têm direito. Então, dediquem a alma a esse negócio.

José Sergio Gabrielli, companheiros, vamos discutir mais dinheiro para



que a nova empresa tenha mais dinheiro para fazer mais usinas dessas. Guilherme Cassel, a sua responsabilidade aumenta porque tem que ajudar a organizar mais os trabalhadores. Rossetto, o seu papel nesse negócio é fundamental, porque você ficou quatro anos lá. Tem até gente que era diretor do Centro de Pesquisas da Petrobras, que está na Direção. Pelo amor de Deus, aproveitem tudo o que Deus deu a vocês e devolvam ao povo pobre deste País.

Um abraço, boa sorte e parabéns.

(\$211A)